



Entrevista exclusiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, à Rádio Globo
Rio de Janeiro-RJ, 15 de abril de 2009

Jornalista: Ao meu lado, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Presidente, bom dia. Eu gostaria que o senhor saudasse a nação brasileira, através da Rádio Globo. Por favor, Presidente. Bom dia.

Presidente: Bom dia, Antônio Carlos. Bom dia, ouvintes da Rádio Globo AM. É um prazer estar aqui participando desta entrevista, Antonio Carlos.

Jornalista: O prazer é nosso, Presidente. O senhor não imagina o prazer que o senhor está nos dando em nos conceder esta entrevista exclusiva para 34 emissoras em todo o Brasil. Aliás, é por isso que o Obama chamou o senhor de “o cara”, né? Como é que o senhor sentiu essa repercussão, do Presidente dos Estados Unidos chegar assim “ele é o cara, é o mais popular do Brasil”? Como é que o senhor interpretou isso tudo, Presidente?

Presidente: Antônio Carlos, há uma coisa importante acontecendo no mundo, que nós temos que reconhecer e ter motivo de muito orgulho. O Brasil é hoje um país altamente respeitado no mundo, o Brasil tem credibilidade internacional, e por uma convicção que eu aprendi no Sindicato: ninguém respeita quem não se respeita.

Jornalista: É verdade.

Presidente: O Brasil não é tão rico quanto os Estados Unidos, não é tão rico quanto a Alemanha, mas quando o presidente do Brasil se senta, seja com a



rainha da Inglaterra, seja com o presidente dos Estados Unidos, nós temos que ser tratados em igualdade de condições. Se eles falam grosso, nós falamos grosso; se eles falam manso, nós falamos manso; se eles negam as coisas, nós podemos negar, como dois cidadãos civilizados conversando, sem que um tenha pequenez diante do outro. Isso eu aprendi no movimento sindical. Todas as vezes que eu me sentava com um empresário... A primeira reunião de que eu participei, de negociação, na minha vida, a cadeira dos empresários era mais alta do que a nossa, então nós ficávamos em um perfil mais baixo na reunião. Aquilo era um jeito de dominação da reunião. Então, nós começamos brigando para que a cadeira fosse colocada em igualdade de condições, como eu estou aqui sentado com você. Ninguém é superior a ninguém. O Brasil, graças a Deus, ganhou essa respeitabilidade. O Brasil teve uma participação muito grande no G-20, e quando o Obama disse que eu era “o cara”, eu entendi aquilo como uma brincadeira do Obama, como uma coisa de um amigo para outro amigo. Foi essa...

Jornalista: É brincadeira, mas ele está colocando o senhor nos devidos lugares. O senhor, realmente, colocou o Brasil numa posição privilegiada, não é, Presidente?

Presidente: Antônio Carlos, o mundo hoje compreende que o Brasil é um dos países mais sólidos, o Brasil tem uma economia mais equilibrada. Todo mundo sabe o esforço que nós fizemos nesses últimos anos para diminuir a miséria absoluta neste país. Por isso é que 20 milhões de brasileiros ascenderam à classe média, por isso é que o povo mais pobre da periferia e do Norte e do Nordeste estão tendo um padrão de vida um pouco melhor. Eu tenho, na minha concepção de minha vida, que em um país como o Brasil só tem sentido ter uma política de crescimento se ela for combinada a uma política de distribuição de renda. O Brasil cresceu, na década de 70, 14% ao ano, mas essa renda não



era distribuída. Portanto, quem era mais rico ficou mais rico, e quem era pobre ficava mais pobre. Nós estamos revertendo isso. Não é um processo fácil, é um processo de longa duração e vai demorar uma geração para se tentar reequilibrar o Brasil, porque nós herdamos um exército muito grande de brasileiros deserdados e de jovens sem perspectiva de vida, sem esperança, sem vislumbrar uma oportunidade.

Para recuperar isso e dar às pessoas expectativa e esperança é uma coisa, eu diria, muito difícil, porque não é apenas discurso. Se você pudesse, hoje à tarde, participar de uma coisa de que eu vou participar aqui no Rio de Janeiro, lá na Escola Naval, da Marinha, que é a Olimpíada de Matemática, e se você [visse] os milhares de meninos que vão ser premiados, dos quais 300 e poucos com medalha de ouro, meninos pobres da periferia que participaram de uma Olimpíada de Matemática que teve a inscrição de 18 milhões e 300 mil crianças. Só para lembrar a você, em 2004 nós tínhamos apenas 274 mil crianças participando. Hoje são 18 milhões, e nós estamos descobrindo uma quantidade de gênios extraordinária nessa molecada da escola, molecada pobre, e agora estamos tratando de ver como é que a gente dá sequência nessa molecada. Na medida em que são gênios, nós temos que dar bolsa de estudos para eles, as empresas têm que contratá-los como aprendizes e financiar o estudo dessa molecada, porque o Brasil não pode desperdiçar o jovem. O menino, quando é bom de bola, já começa a ser cuidado com 9 anos de idade.

Jornalista: É verdade.

Presidente: Um gênio na Matemática, é preciso começar a cuidar quando ele nasce.



Jornalista: Presidente, o povo... Quando o senhor era candidato, o senhor disse assim: eu quero ver o povo brasileiro tomando café da manhã, almoçando e jantando. O povo já está fazendo isso, na sua maioria?

Presidente: Eu acho que na sua grande maioria já está tomando café, almoçando e jantando, até porque o preço dos alimentos barateou; porque o Bolsa Família resolve o problema de uma parte da população mais pobre; porque o salário mínimo, nesse período, teve um aumento real de 57%; porque foram gerados quase 11 milhões de empregos neste país; porque a agricultura familiar saiu de R\$ 2 bilhões de financiamento para R\$ 13 bilhões de financiamento; e porque tem milhares de gente [pessoas] se beneficiando de políticas públicas que nós estamos, todo santo dia, aplicando neste país. Agora mesmo você acompanhou um desafio, que é uma coisa ousada. Só para você ter ideia, eu reuni os empresários e perguntei: se nós quisermos um grande programa habitacional, quantas casas vocês estão preparados para fazer? Eles falaram para mim: “200 mil casas”. Eu falei: 200 mil casas não é programa habitacional. Eu quero fazer muitas casas, 1 milhão de casas. A verdade é que pouca gente acreditava que a gente tivesse a coragem de lançar um programa de 1 milhão de casas.

Jornalista: Em quanto tempo o senhor vai entregar esse 1 milhão de casas para a população brasileira?

Presidente: Depende dos empresários, depende de quem tiver a capacidade de fazer, porque o dinheiro nós temos, disponibilizamos o subsídio... E coisas importantes, porque a pessoa pobre, antigamente, não comprava uma casa porque se ela pagasse R\$ 300 de prestação no seu barraco, ela não tinha como pagar a prestação do barraco e a prestação da casa. Agora, ela só vai pagar a prestação da casa quando a casa estiver pronta, e ela receber a chave



para se mudar. E nós estamos fazendo um tipo de prestação de acordo com o poder aquisitivo do cidadão para que ele possa, efetivamente, ter sua casa própria. É um plano extraordinário. Eu acho que nunca foi feita uma coisa dessas no Brasil. Nós levamos, praticamente, três meses para preparar esse plano. Agora vai depender da capacidade das prefeituras [para] cadastrar, da Caixa Econômica. Se os sindicatos quiserem cadastrar, que cadastrem, se os empresários quiserem apresentar projetos, que apresentem, porque nós, se fizermos essas casas dentro de dois anos, dois anos e meio – Deus queira que a gente possa até fazer antes – nós mudaremos o paradigma de construção de casas neste país. Ontem mesmo me ligou um cidadão e falou assim para mim: “Presidente Lula, eu queria que o senhor viesse à minha cidade, porque aqui eu estou fazendo casas de 42 metros quadrados a R\$ 12 mil”. Eu falei: pode ficar certo que eu vou mandar um engenheiro e um arquiteto aí para verem essa casa.

Jornalista: Presidente, o senhor sabe que no nosso programa de rádio, eu cheguei e falei... Eu fiquei orgulhoso de o senhor me dar esta entrevista exclusiva, então eu falei para todo mundo: olha aí, o Presidente vai me dar uma entrevista. Vocês podem fazer perguntas, que eu vou pedir para ele responder. Então, o povo quer saber o seguinte: por que... Na última vez que eu estive com o senhor, fiz uma pergunta lá em Brasília para o senhor sobre o dinheiro do SUS. Então, o senhor disse assim: o governo federal manda para as prefeituras. Então, as prefeituras... Os postos de saúde não estão funcionando direito. Por que isso, Presidente? Por que não funcionam direito os postos de saúde?

Presidente: Deixe-me contar uma coisa. No Brasil, nós temos obrigações constitucionais com (incompreensível) de saúde. O dinheiro da Saúde é um dinheiro carimbado, ou seja, ele cresce de acordo com o crescimento do PIB.



Nós tivemos um baque muito grande no final de 2007, que foi a derrota da CPMF, aquele imposto sobre o cheque. Aquilo daria, por ano, ao governo federal, R\$ 40 bilhões para que a gente pudesse destinar R\$ 24 bilhões à Saúde. Lamentavelmente, a nossa oposição derrotou, achando que aquilo ia me prejudicar. Tem crescido de acordo com o PIB o dinheiro da Saúde. Nós temos aumentado muito a assistência do médico de família, que no Rio de Janeiro, por conta de concepções equivocadas de prefeitos e governantes, a gente não tinha. Agora está sendo implantado o médico de família aqui. Você sabe que o Rio de Janeiro é um exemplo de a gente... Estamos criando aqui, junto com o governo do estado, as UPA - Unidades de Pronto Atendimento. No próximo mês eu virei aqui inaugurar duas grandes UPA. Vou inaugurar o Hospital Sarah Kubitschek. Logo, logo vamos inaugurar o hospital onde era o Jornal do Brasil aqui...

Jornalista: Ah, é um ótimo espaço.

Presidente: ..., que é um grande hospital. Nós, na verdade, precisamos de mais investimentos na Saúde. Essa é a verdade. Agora, se a União cumprir com a sua obrigação constitucional, se os estados cumprirem com a sua obrigação constitucional e as prefeituras cumprirem... Tem estados que colocam mais, tem prefeituras que colocam mais, tem uns que colocam menos, tem estado que só cumpre... Tem que colocar 12%, só coloca 6%. Mas o esforço imenso do Ministro da Saúde é a gente aperfeiçoar. Está no Congresso uma proposta de votar um determinado imposto, acho que é de 0,10% destinado à Saúde, para a gente melhorar a Saúde no Brasil. Eu sei que a Saúde no Brasil fica mais difícil na medida em que você fica universalizando. Uma coisa é você ter um tratamento seletivo para quem pode pagar uma coisa, e outra coisa é você dizer “todos os pobres do mundo terão direito à mesma qualidade de saúde”. Aí, você precisa de mais investimentos. E nós estamos



trabalhando nisso porque eu conheço bem o problema da Saúde neste país. Nós vamos fazer, até 2010, 500 Unidades de Pronto Atendimento para que a gente possa facilitar, sobretudo, a vida das pessoas mais pobres que vivem na periferia.

Jornalista: E o desemprego está diminuindo, Presidente?

Presidente: Deixe-me contar uma coisa antes de falar do emprego. Eu não sei se foi você que me perguntou, em uma entrevista que eu dei em Brasília [sobre] a famosa celeuma das filas do INSS.

Jornalista: Eu queria falar desse assunto. Foi bom o senhor...

Presidente: Eu me lembro que, naquela entrevista, eu prometi que a gente ia acabar com as filas do INSS, e dei um prazo...

Jornalista: O senhor chamou até o Ministro no gabinete, naquela época.

Presidente: Chamei o Ministro no gabinete porque o Ministro tinha dito, em uma entrevista, que não era possível no tempo que eu queria. Mas de lá para cá aconteceu um milagre neste país. Você não tem mais ouvido falar em fila do INSS. Um aposentado, hoje, se aposenta em meia hora e, a partir de junho ele não vai precisar de nada. Ele vai receber uma carta na casa dele, dizendo que ele já atingiu o tempo de serviço dele e que ele vai ganhar tanto de aposentadoria. Se ele quiser pode chegar lá na Previdência e se aposentar, sem apresentar nenhum documento. É a Previdência que tem que apresentar documentos para ele. Aquelas filas enormes que se faziam para que as pessoas que necessitavam da Previdência Social marcassem consultas com especialistas, com a perícia médica, que demorava 40, 50, 100 dias, que as



peças iam e ficavam na fila, contratavam gente para ficar na fila, acabou. Hoje você liga [para o número] 135 e você vai marcar a sua consulta por telefone.

Jornalista: Funciona mesmo, Presidente?

Presidente: Funciona. Tente fazer. Você pode chegar em sua casa hoje, ligar para o número 135 e ver quanto tempo vai demorar para você marcar uma consulta. Uma mulher, para receber auxílio-maternidade, que demorava de 90 a 120 dias, hoje recebe em meia hora. É capaz de ela receber até quase quando está dando o parto [à luz] ali, porque nós nos preparamos para transformar todo o sistema previdenciário brasileiro e garantir que as pessoas sejam tratadas com respeito, com decência, como cidadãs, porque é efetivamente um direito delas. E isso mudou radicalmente, tanto é que nunca mais você viu um jornal falando de fila do INSS.

Jornalista: Presidente, veja bem, o senhor tem uma popularidade enorme, um índice de aceitação do seu governo muito grande. Mas agora teve uma pequena queda. A que o senhor atribui essa pequena queda?

Presidente: A gente não pode ficar imaginando que a pesquisa é uma coisa que não muda nunca. A própria pressão do seu coração, mesmo quando você está em estado de saúde perfeita, você se levanta de manhã, tem uma pressão, ao meio-dia você tem outra, às 6 horas da tarde tem outra. Ou seja, oscila de acordo com os movimentos que você faz. Nós estamos vivendo uma crise econômica mundial sem precedentes na história da Humanidade. Não é o Brasil que está em crise. Quem está em crise são os Estados Unidos, quem está em crise é a Europa, quem está em crise é o Japão.



Jornalista: É o pessoal de olho verde, não é?

Presidente: Pois é. É o pessoal que a vida inteira mandou no mundo. De repente, em que a crise deles afeta países como o Brasil, como a China, como a Índia, como a Argentina? Na medida em que eles estão em crise, eles diminuem as importações deles. Diminuindo as importações deles, diminuem as nossas exportações. E o que aconteceu, mais grave ainda? O crédito desapareceu, porque um banco como o Lehman Brothers, que era um banco importante nos Estados Unidos, quebra. Quando ele quebra, o crédito desaparece. Então, você não tem crédito para exportação, você não tem crédito para financiar sequer o seguro das exportações, e as coisas começaram a ficar difíceis.

No Brasil, nós... Eu vou repetir aqui para você uma coisa que eu diria para o meu neto, que eu diria para os meus filhos. O Brasil... posso dizer olhando nos seus olhos, Antônio Carlos, que o Brasil é o país que está mais sólido no mundo, hoje. Nós temos um sistema financeiro sólido, nós fizemos a política anticíclica que alguns não conseguiram fazer ainda, nós temos bilhões de reais... são quase US\$ 300 bilhões de investimentos do PAC. Agora temos um programa de 1 milhão de casas, fizemos movimento no setor tributário para a gente vender mais carros. E por que vender mais carros? Porque o carro tem uma cadeia produtiva que significa 24,5% do PIB industrial brasileiro. Estamos agora cuidando de facilitar capital de giro para as empresas; estamos cuidando agora de facilitar capital de giro para a micro, pequena e média empresas; estamos agora cuidando da construção civil, para que a economia brasileira, quando terminar a crise, volte muito mais forte do que a gente estava em julho de 2008.

Então, eu acho que a pesquisa aparece mais ou menos assim. Imagine você se todos os dias, no seu programa de rádio, você comentar um caso de segurança. Na primeira pesquisa que fizer, vai dar segurança como o maior



problema. Se, na semana seguinte, você falar a semana inteira do desemprego, se fizer uma pesquisa, o principal problema vai ser o desemprego. E assim por diante. Então, o que nós precisamos ter é consciência de que nós estamos fazendo um trabalho que nunca foi feito neste país, um trabalho com muita seriedade e um trabalho dizendo a cada pobre deste país que ele vai virar cada vez mais cidadão. Aliás, eu vou te convidar para ir comigo, quando eu vier ao Rio agora, talvez no dia 28 ou 29, nós vamos inaugurar as piscinas lá no Complexo do Alemão. Aquele pobre que só via piscina na televisão, agora vai ter piscina para ele nadar. Ele vai ser tratado como as pessoas de olhos azuis que foram responsáveis, no mundo financeiro, pela crise que estamos vivendo.

Jornalista: Sensacional. Presidente, o senhor faz o seu sucessor, não é? E depois que fizer o seu sucessor, depois de quatro anos, o senhor seria candidato novamente, ou não?

Presidente: Primeiro, fazer a minha sucessão é uma tarefa gigantesca. Todo mundo sabe que eu tenho intenção de fazer com que a companheira Dilma seja a candidata do PT e dos partidos. Agora, se ela vai ganhar, é uma tarefa que vai depender do trabalho de cada brasileiro e de cada brasileira. É bobagem imaginar que daqui a quatro anos a gente pode voltar. Rei morto, rei posto, meu caro. Eu tenho que me contentar em agradecer a Deus porque eu já fui presidente por oito anos, reeleito duas vezes com mais de 60% dos votos, e eu só tenho que torcer para que quem seja eleito faça muito mais do que eu, faça com mais competência, faça melhor. E que o povo não tenha saudade de mim, mas tenha saudade de que a pessoa que fez mais possa continuar por mais um mandato.

Jornalista: A última pergunta, Presidente. Ronaldo “Fenômeno” está lhe dando



muita alegria no Corinthians?

Presidente: Eu acho que está. Eu chamo ele (incompreensível) eu brinco muito com o Ronaldo porque... eu torço, porque é um menino que é exemplo. A gente, de vez em quando, fica procurando os defeitos para fazer críticas, sem se lembrar das virtudes de um menino que foi artilheiro no Cruzeiro, que foi artilheiro no Internacional de Milão, que foi artilheiro no Barcelona, que foi artilheiro na Holanda, que foi artilheiro no Real Madri, que foi três vezes o melhor jogador do mundo, que foi três vezes campeão do mundo. Esse cidadão tem até o direito de errar e, ainda assim, as virtudes seriam maiores que os erros. Ele, em quatro jogos, já marcou quatro gols no Corinthians.

Jornalista: É verdade.

Presidente: Eu tenho convicção de que no domingo os cariocas ficarão muito felizes porque o Ronaldão vai, outra vez, ajudar o Corinthians a derrotar o São Paulo.

Jornalista: Presidente, muito obrigado pela sua entrevista. Olha, o senhor me deixou muito orgulhoso de nos dar esta entrevista exclusiva. Muito obrigado ao senhor, muitas felicidades, um bom governo. Que o senhor consiga tirar o Brasil dessa crise mundial.

Presidente: Se Deus quiser, Antonio Carlos. Eu quero agradecer a você pelo carinho e dizer que são pessoas, radialistas como você, que falam todos os dias com o povo, que ajudam a melhorar o nível de cobrança do povo, que alertam o povo para as mazelas do governo, mas também alertam o povo para as coisas boas que acontecem neste país. E é assim que a gente vai consolidando a nossa democracia. Um grande abraço, e que Deus te ajude a



continuar [sendo] esse radialista importante que você é.

Jornalista: Obrigado, Presidente.

(\$31DHJLP)